

A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA PRÉ - ESCOLA

Danielli dos Santos Carvalho⁽¹⁾; Maria Izete de Oliveira⁽²⁾; Rinalda Bezerra Carlos⁽³⁾.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia - UNEMAT. Campus Universitário de Cáceres. E-mail: daniellipedagoga@hotmail.com

² Professora Orientadora, Depto. de Pedagogia - UNEMAT. E-mail: mariaizete@gmail.com

³ Professora pesquisadora, Depto. de Pedagogia - UNEMAT. E-mail: rinaldabc@terra.com.br

Resumo: O objetivo desta pesquisa consiste em verificar como é trabalhada a linguagem oral e escrita na educação infantil; se as atividades desenvolvidas são planejadas e orientadas cuidadosamente com vistas ao alcance de objetivos que contribuam para o desenvolvimento dessas linguagens na infância. A pesquisa está sendo desenvolvida em duas escolas municipais situadas em bairros periféricos que atendem uma clientela de baixo poder aquisitivo. A técnica compreende a observação da prática de 03 professoras que atuam com crianças de 4 e 5 anos. Os resultados apontam certo distanciamento entre as práticas das professoras pesquisadas e a literatura da área. Algumas professoras, geralmente, desenvolvem atividades sem terem definido os objetivos a serem alcançados, se configurando mais como uma forma de ocupar o tempo das crianças do que como um momento de proporcionar o desenvolvimento dessas linguagens e demais habilidades. Constatamos, também, que esforços estão sendo realizados pela Coordenação de Educação Infantil do Município no sentido de buscar a qualidade desse atendimento .

Palavras-chave: Prática pedagógica, educação infantil, linguagem oral e escrita.

Introdução: Pesquisas realizadas nas últimas décadas sobre as produções das crianças e as práticas aplicadas pelos professores, apontaram mudanças na concepção da linguagem oral e escrita, no que se refere ao ensino e à aprendizagem, ocorrendo, assim, mudanças não apenas na forma de trabalhar essas linguagens na educação infantil mas, também, na perspectiva de como a criança interage. Essas mudanças advêm do fato de “considerar as crianças ativas na construção de conhecimentos e não receptoras passivas de informações”, o que determina “uma transformação substancial na forma de compreender como elas aprendem a falar, a ler e a escrever” (BRASIL, 2002, p.120).

Assim, a pré-escola é um momento em que deve ser favorecida a articulação de várias linguagens. Para Zabalza (1998) é necessário criar um ambiente em que a linguagem seja a grande protagonista, tornar possível e estimular todas as crianças a falarem, criar oportunidades para falas cada vez mais ricas através de uma interação educador-criança, que a faça colocar em jogo todo o seu repertório e superar constantemente as estruturas prévias. (p.51).

A pré-escola não pode ser apenas uma ocupação de tempo e de espaço, mas usar este momento atribuindo sentido às linguagens que estão postas na sociedade. Neste sentido, a leitura e a escrita podem ser trabalhadas de forma lúdica e criativa. Segundo Perez (2005), “é através do uso de várias linguagens que a criança expande sua criatividade, libera suas fantasias, exercita a imaginação, ao mesmo

tempo em que constrói conhecimentos sobre a leitura e a escrita num universo particular repleto de sentido e significado”. (p.101).

Não resta dúvida que a finalidade da educação infantil não é alfabetizar, mas desde cedo fazer com que a criança conviva em um ambiente alfabetizador. Quando o professor lê, pega um livro, aponta o texto, a gravura, já está criando este ambiente. Neste sentido, o educador deve trabalhar as atividades de maneira que possa instigar e chamar a atenção das crianças para “a presença de coisas escritas na vida cotidiana e fazê-las perceber os vários usos sociais da escrita e da leitura que faz parte do processo de letramento” (CARVALHO, 2000, p.14) .

Objetivo do Estudo: Identificar o tipo de prática utilizada pelas professoras da pré-escola para trabalhar a linguagem oral e escrita e se as atividades são planejadas de forma a proporcionar o desenvolvimento dessas habilidades na criança.

Material e Métodos: Por desenvolvermos uma pesquisa qualitativa, que considera os princípios da pesquisa-ação, definimos nosso campo de observação segundo o critério de amostragem onde “a pesquisa é efetuada dentro de um pequeno número de unidades (pessoas ou outras) que é estatisticamente representativo do conjunto da população” (THIOLLENT, 1985, p.61). Assim, selecionamos como campo de pesquisa duas escolas que contam com o maior número de professoras que atuam na pré-escola. Dentre as 20 instituições que atendem à pré-escola na cidade de Cáceres, as duas selecionadas comportam um total de 577 crianças que representam, aproximadamente, um terço das atendidas pelo Município . Essas escolas estão situadas em bairros periféricos e atendem uma clientela de baixo poder aquisitivo.

A pesquisa compreende a observação da prática de 03 professoras, sendo 1 de uma determinada escola, que foi observada durante todo o estudo e duas professoras de outra escola, uma observada no primeiro momento e a outra posteriormente, tendo em vista a troca de professora no ano de 2009 pelo fato da primeira ser interina. As observações ocorreram duas vezes na semana, no período da manhã, nos meses de agosto a novembro de 2008 e fevereiro a junho de 2009, totalizando 72 dias de observação.

A fim de garantir o anonimato dessas escolas optamos por denominá-las de E1 (Escola 1) e E2 (Escola 2), e as professoras serão denominadas de PA (professora A) da E1, PB (professora B) e PC (professora C), ambas da E2.

Resultados e Discussão: Durante as observações constatamos que as três professoras trabalham atividades de leitura e escrita. Na E1, a PA utiliza em sua prática recursos como crachás para ajudar as crianças a identificarem seus nomes, ensina letras do alfabeto por meio de músicas, paródias, parlendas e histórias, trabalha o alfabeto e os numerais na mesma atividade e ainda apresenta desafios durante as atividades. Também ensina às crianças a função das margens do caderno, a importância das linhas e o tamanho das letras. Durante as leituras de histórias ela faz entonação de voz, mudando de acordo com os personagens, gesticula conforme os acontecimentos narrados e contextualiza os aspectos que fazem parte da história. Busca, ainda, estimular os alunos a falar e expor suas opiniões propiciando o desenvolvimento da linguagem oral e a socialização. Logo, parece que essas professoras trabalham de forma a ajudar as crianças a desenvolverem suas capacidades de linguagem oral e escrita.

Na E2 a PB tem como proposta estabelecer uma rotina em sala de aula,

registrando cotidianamente a data, o nome da cidade, o dia da semana e o nome das crianças. Ela propõe momentos em que as crianças manuseiam livros, trocam informações e criam histórias por meio de leitura visual de figuras, mas não coordena as atividades de forma adequada, as crianças ficam muito soltas e não há objetividade na proposição das atividades. Isto foi observado no conto de histórias que é de difícil compreensão para as crianças, pois, como a professora não trabalha a entonação de voz e não imita as vozes dos personagens, as crianças não conseguem distinguir o personagem que está falando e para quem está se falando, mesmo com a ajuda de figuras. As crianças não são instigadas a pensar, trocar idéias e contar fatos vivenciados, mas apenas a dar respostas rápidas e lógicas. A PB também trabalha com filmes, mas o momento da apresentação do vídeo não é produtivo, pois as crianças conversam muito e os filmes não são explorados.

De acordo com Abramovick (1995), “[...] é importante para formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”. Nesse sentido, o RCNEI destaca a importância da participação das crianças “nas situações em que os adultos lêem textos de diferentes gêneros, como contos, poemas, notícias de jornal [...]” como, também, é importante a “observação e manuseio de materiais impressos, como livros, revistas, histórias [...]” (BRASIL, 2002, p. 140).

Não restam dúvidas de que contar histórias na educação infantil contribui com a formação global da criança. “Tal prática, além de favorecer a relação afetiva da criança com o livro, desde a mais tenra idade, proporciona momentos de prazer, desperta a curiosidade, criatividade, fantasia e a imaginação” (COSTA; VALDEZ, 2007, p.172).

A PC, também da E2, tem como proposta estabelecer uma rotina em sala de aula, registrando cotidianamente a data, o nome da cidade, o dia da semana, o tempo e o nome das crianças. Foi observado que a professora trabalha quase sempre com atividades mimeografadas, priorizando atividades de recortes e colagens. Essas atividades na maioria das vezes foram trabalhadas de forma muito artificial, ou seja, sem objetividade. Algumas atividades propostas pela PB e a PC não apresentavam significado principalmente quando elas solicitam às crianças que façam a atividade sem nenhum objetivo concreto. Por vezes, observamos que a PB e a PC trabalham a linguagem oral escrita de forma mecânica.

Conclusão: Pode-se constatar, até o presente momento, que a PA, da E1, demonstra ter preocupação de proporcionar diferentes recursos e maneiras para desenvolver as atividades. Buscando também esclarecer sempre para a criança a importância da atividade, abrindo espaço para as crianças pudessem falar, trocar idéias, contar um pouco sobre suas experiências.

Entretanto, na E2, na maior parte das vezes, as professoras desenvolvem atividades sem terem definido os objetivos a serem alcançados com as crianças. As atividades desenvolvidas pela PB e PC, da E1, são trabalhadas mais como forma de ocupar o tempo das crianças do que como um momento de proporcionar o desenvolvimento de diversas habilidades. Pode-se observar uma preocupação por parte delas em cumprir uma rotina de atividades pré-estabelecidas.

A forma como as professoras da E2 desenvolvem as atividades deixa-nos entender que elas ainda preservam uma concepção de pré-escola ora como um momento de passar tempo ora como preparação da criança para o ensino fundamental. Atualmente ambas as concepções estão ultrapassadas já que se

espera que “ao final da etapa da educação infantil, as crianças, tenham os instrumentos de comunicação, expressão e representação necessários para poderem compreender, criar e atuar no mundo que as envolv e” (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p.76).

Em suma, apesar de os resultados preliminares indicarem, com exceções, que a prática das professoras, de modo geral, não atende o que é preconizado pela literatura da área, percebemos que há um incentivo por parte da Coordenação de Educação Infantil do Município em promover um trabalho de qualidade.

Referências Bibliográficas

ABROMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices** . São Paulo: Scipione, 4 ed. 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** . Brasília: MEC, 2002.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e Ensinar na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1999.

CARVALHO, Marlene. **Guia Prático do Alfabetizador** . 5 ed. São Paulo: Ática. 2005.

COSTA, Patrícia Lapot, VALDES, Diane. **Ouvir e Viver História na Educação Infantil: um direito da criança**. São Paulo: Alínea, 2007.

PERES, Carmen L. V. Com lápis de cor e varinha condão...Um processo de aprendizagem da leitura e da escrita. In:_____. **Revisitando a Pré-escola**. 6 ed. São Paulo, Cortez, 2005.

ZABALZA, Miguel A. Os dez aspectos chaves de uma educação infantil de qualidade. In:_____. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto alegre, RS: ArtMed, 1998.